



## EJA: INFORMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO EM SALA DE AULA COMO FERRAMENTAS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE SEXUAL

Katiana Manoel Azevedo <sup>1</sup>  
Katia Regina Pinto Manoel <sup>2</sup>  
João Victor Matos dos Santos <sup>3</sup>  
Andreia do Nascimento Rodrigues <sup>4</sup>  
Francismara Alves Inocêncio <sup>5</sup>

### RESUMO

Este artigo relata a vivência pedagógica realizada por alunos do Grupo Interdisciplinar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Centro Universitário UNIFAA envolvendo estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no município de Valença-RJ. A atividade teve como finalidade informar e conscientizar sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e métodos contraceptivos e contribuir para a saúde sexual e reprodutiva dos participantes. Foram conduzidas duas aulas de cinquenta minutos cada, em semanas diferentes, utilizando a abordagem expositivo-dialogada. Na primeira aula, sobre IST, realizou-se uma dinâmica a partir de um questionário que evidenciou a falsa sensação de domínio prévio dos alunos sobre o tema, revelando lacunas significativas de conhecimento sobre o assunto. Na segunda, dedicada a métodos contraceptivos, o tempo reduzido foi insuficiente para dinâmicas, e observou-se menor participação, especialmente de alunas, que demonstraram constrangimento ao interagir diante dos colegas homens. A experiência evidenciou a necessidade de ferramentas pedagógicas que construam e garantam um ambiente seguro para o diálogo, respeitando a diversidade e as particularidades desse público. É importante ressaltar a sensibilidade do tema frente a tabus em parte das famílias, as quais podem resistir à abordagem da sexualidade na escola. Conclui-se que ações planejadas, mesmo de curta duração, podem gerar impactos quando baseadas em informação científica, comunicação acessível e sensibilidade às questões socioculturais e que, considerando as barreiras apresentadas, mostra-se fundamental a elaboração de um plano específico para a EJA, que contemple metodologias inclusivas e adequadas às realidades de jovens, adultos e idosos, visando a construção efetiva do conhecimento e a consolidação da saúde sexual e reprodutiva.

**Palavras-chave:** Educação sexual, PIBID, Interdisciplinaridade.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do UniFAA - Centro Universitário de Valença - RJ, katianamazevedo@yahoo.com.br;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História do UniFAA - Centro Universitário de Valença - RJ, katiarpm70@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do UniFAA - Centro Universitário de Valença - RJ, joaoevictoreduc@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do UniFAA - Centro Universitário de Valença - RJ, nascimentoandrea@gmail.com;

<sup>5</sup> Professora orientadora: Licenciada em Letras pelo UniFAA - Centro Universitário de Valença - RJ, francismaraalvesmara@gmail.com.



## INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui um campo de estudo e intervenção pedagógica de alta relevância, especialmente por acolher um público com um perfil notoriamente heterogêneo (SANTOS, 2025), marcado pela distorção idade-série, pela evasão escolar e por um histórico de vulnerabilidade social e econômica. O retorno destes alunos a esta modalidade de ensino representa uma oportunidade, muitas vezes decisiva, para preencher lacunas em suas formações. Entre elas, pode-se incluir aquelas que estão relacionadas à saúde sexual e reprodutiva.

A Educação em Sexualidade (ES), quando abordada de forma abrangente e estando baseada em evidências (UNESCO et al.), é considerada um potente fator protetivo. Porém, no contexto brasileiro, sua implementação em ambiente escolar é frequentemente dificultada por tabus e preconceitos (FURLANETTO et al., 2018), ainda que seja um tema transversal amparado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e ter a sua relevância reafirmada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A negativa ou a falha em abordar o tema na escola tem consequências sociais e de saúde pública de grande impacto, como o notável aumento das taxas de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), como a sífilis (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2024), e os expressivos casos de gravidez não planejada. Sendo que, este último fator está diretamente associado à evasão escolar e ao reforço do ciclo de pobreza intergeracional (ALVES et al., 2020; COSTA e FREITAS, 2021), impactando no bem-estar e no progresso individual e no desenvolvimento social.

Considerando este cenário, o presente artigo, na modalidade de Relato de Experiência, apresenta a vivência pedagógica realizada por integrantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) com estudantes da EJA na cidade de Valença-RJ. Baseado na ideia de que a informação é uma ferramenta de conscientização e empoderamento, o foco do trabalho foi a aplicação de um modelo de ensino com o propósito de ser ativo. Assim, o objetivo deste artigo é evidenciar como as aulas expositivo-dialogadas sobre IST e métodos contraceptivos colaboraram para a formação em saúde sexual dos estudantes da EJA e apresentar os desafios pedagógicos encontrados durante a prática. Os resultados e a discussão



buscam demonstrar as lacunas de conhecimento e a necessidade de buscar desenvolver aprimoramento das metodologias para a criação de um ambiente de diálogo seguro e inclusivo.

## METODOLOGIA

Este artigo se enquadra na modalidade de Relato de Experiência, um estudo descritivo que busca apresentar uma vivência analisando os resultados e desafios observados. Este relato detalha uma ação de Educação Sexual desenvolvida por integrantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Centro Universitário UNIFAA, no município de Valença-RJ, com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com diferentes vivências, contextos e faixas etárias.

A intervenção foi realizada em uma turma da EJA, do período noturno, cuja composição, como ressalta a literatura (SANTOS, 2025), reflete a heterogeneidade de perfis, idades e vivências. O público, em sua maioria, demonstrou ser composto por pessoas com lacunas no conhecimento de saúde sexual, que pode ser atribuída a evasão escolar precoce (ALVES et al., 2020) e do histórico de pouca ou nenhuma abordagem formal do tema.

A ação consistiu na aplicação de duas aulas de 50 minutos cada, realizadas em semanas subsequentes. A metodologia principal adotada foi a aula expositivo-dialogada, na qual a transmissão de informação científica clara e baseada em evidências (UNESCO et al.) foi complementada pela abertura de espaços de fala e debate, visando ouvir relatos, comentários ou dúvidas dos alunos (SANT'ANA e CORDEIRO, 2021). O conteúdo foi dividido da seguinte maneira: A primeira aula foi focada nas Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Foi iniciada com uma dinâmica de questionário para mapear o conhecimento prévio dos alunos, contendo afirmações relacionadas a meios de transmissão, tratamento, cura, sintomas e outras suposições, que poderiam ser falsas ou verdadeiras, sobre o assunto. Os alunos deveriam assinalar se as consideravam verdadeiras ou falsas, atividade esta que evidenciou a falsa sensação de domínio e as lacunas conceituais dos alunos, o que foi crucial para adaptar a linguagem e a exposição. Já a segunda aula foi sobre métodos contraceptivos, dedicada à apresentação e discussão dos diversos métodos de prevenção da gravidez, verdades ou mitos sobre contracepção e direitos relativos a métodos e planejamento familiar, ação que

pode ser



relacionada ao enfrentamento da questão de pobreza intergeracional encarada por parte dos brasileiros (COSTA e FREITAS, 2021).

A coleta de dados foi de natureza qualitativa e ocorreu primariamente por meio da observação participante dos bolsistas do PIBID durante a aplicação das aulas e interações. Os instrumentos utilizados foram: questionário diagnóstico não identificado aplicado na primeira aula para gerar dados que guiaram a discussão (ex.: lacunas de conhecimento em ISTs) e diário de campo/relatório de atividades utilizados pelos bolsistas para o registro das interações, das resistências e constrangimentos manifestados pelos estudantes (conforme evidenciado no resumo), assim como para o registro dos desafios pedagógicos encontrados.

É importante destacar que, por se tratar de um relato de experiência de uma atividade pedagógica inserida em um programa de iniciação à docência (PIBID), e não de uma pesquisa de campo com coleta de dados primários confidenciais ou de risco, a atividade dispensou a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O anonimato e a não identificação dos estudantes foram responsávelmente preservados, não havendo utilização de nomes, depoimentos individuais ou imagens, garantindo a privacidade e o respeito aos participantes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) assume um papel de reparação, oferecendo a oportunidade de conclusão dos estudos a um público que foi excluído, afastado ou que evadiu do sistema regular. O perfil do estudante da EJA é heterogêneo e abrange diferentes faixas etárias, vivências e níveis de escolarização (SANTOS, 2025). Esse perfil de alunos exige do professor postura pedagógica e um currículo que abarque as necessidades e realidades deste aluno, que, muitas vezes, acumula lacunas importantes em sua formação, que refletem em sua vida como um todo.

Conforme mostram (ALVES et al., 2020), a evasão escolar é um fator que gera vulnerabilidade, que se manifesta em múltiplas dimensões, incluindo a falta de acesso a informações relevantes sobre saúde. Dessa forma, o ambiente da EJA surge como um local





para o desenvolvimento de práticas educacionais que promovam o autocuidado e o empoderamento, indo além do cumprimento curricular, apenas.

A inserção da temática da sexualidade na escola não é apenas uma questão pedagógica, mas de saúde pública sendo, inclusive, um direito humano, alinhado às diretrizes da Educação em Sexualidade Abrangente (ESA). As orientações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO et al.), estando baseadas em evidências, defendem que a ES deve ser um processo contínuo, focado não apenas em biologia e reprodução, mas também em gênero, direitos, relacionamentos e consentimento, visando o desenvolvimento de habilidades de vida e de comunicação.

No Brasil, a relevância do tema é reconhecida. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem a Orientação Sexual como um Tema Transversal (BRASIL, 1997), e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador do conteúdo educacional, contém a abordagem da educação sexual, estando inserida nas competências e habilidades das Ciências da Natureza. No entanto, a sua implementação enfrenta barreiras já conhecidas, como tabus e preconceitos (FURLANETTO et al., 2018) que se apresentam tanto dentro da comunidade escolar quanto entre pais e responsáveis. O estudo de Furlanetto e colaboradores (2018) revela que as ações escolares, muitas vezes, não atingem o que é preconizado, sendo assim, a formação continuada dos docentes se apresenta como uma necessidade.

Conforme a análise de (FARIA et al., 2025), a diversidade de gênero, idade e vivências é um fator fundamental a ser considerado na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Estas distinções, principalmente em relação a gênero e estereótipos, refletem diretamente na forma como o tema da sexualidade é percebido e abordado.

Uma análise revela que a abertura ao diálogo sobre sexualidade varia conforme a faixa etária. Jovens entre 18 a 25 anos demonstram maior abertura ao dialogar sobre o tema, discutem em rodas de amigos e buscam informações, principalmente através da internet, apesar de nem sempre apresentarem uso consistente de preservativos. Em contrapartida, adultos entre 30 e 50 anos tendem a demonstrar mais resistência durante as abordagens, apresentando menor conhecimento sobre prevenção, contracepção e práticas sexuais seguras. Já o grupo mais velho,

acima de 50 anos, embora menos representativo, busca informações de forma ainda mais limitada e raramente procura acompanhamento em saúde sexual (FARIA et al., 2025). Tais dados evidenciam que a idade e a experiência de vida influenciam diretamente a forma como os estudantes da EJA percebem e lidam com a sexualidade, reforçando a necessidade de estratégias pedagógicas diferenciadas para cada faixa etária.

Além da diversidade interna, a desinformação advinda da mídia exerce impactos diretos sobre as percepções sociais, nem sempre de forma positiva. Programas de televisão, letras de músicas e redes sociais podem reforçar estereótipos de gênero, sexualizar os jovens ou apresentar informações incorretas ou incompletas. Exposição que coloca os jovens entre 18 e 25 anos em risco, gerando concepções irreais sobre relações e o uso de preservativos. Para os adultos de 30 a 50 anos, a mídia muitas vezes reforça os tabus e dificulta o diálogo, gerando constrangimento na busca por informação profissional. Os idosos, por sua vez, recebem pouca informação confiável. Assim, torna-se imprescindível a alfabetização midiática no contexto educacional. Dessa forma, é essencial que tanto educadores quanto estudantes desenvolvam habilidades para selecionar, analisar e interpretar as informações disponíveis, garantindo o esclarecimento de dúvidas e evitando a circulação de conceitos equivocados (LOURO, 2014).

A ineficiente formação em saúde sexual tem custos tanto individuais quanto sociais. A desinformação sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) é um problema grave, o que se prova pelo aumento das taxas de sífilis no Brasil, conforme os dados do Ministério da Saúde (2024). Além disso, a falta de conhecimento ou acesso a métodos contraceptivos está relacionada à gravidez não planejada e ao ciclo de pobreza. A literatura apresenta intersecção de fatores sociais, econômicos, de gênero e raça que reforçam a feminização da pobreza (COSTA e FREITAS, 2021), apresentando a maternidade precoce ou não planejada como um motivador para a evasão escolar (ALVES et al., 2020) e a dificuldade de crescimento econômico das mulheres.



Dessa forma, a intervenção relatada neste artigo se justifica pela necessidade de fornecer conhecimento científico e acessível aos estudantes da EJA, buscando sempre transformar a sala de aula em um ambiente de credibilidade e segurança para o debate.

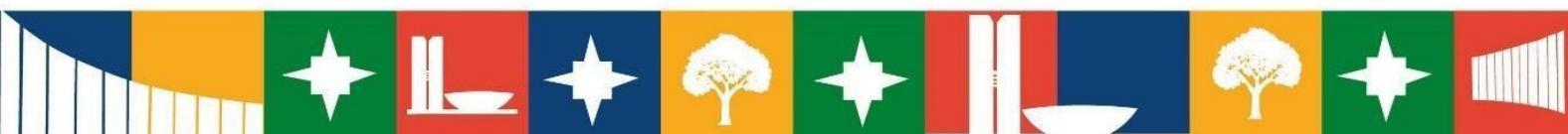
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta experiência pedagógica apresentados neste relato buscam evidenciar a colaboração das aulas para a saúde sexual dos estudantes da EJA e expõem os desafios da abordagem de temas neste contexto.

A primeira aula, dedicada às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), demonstrou o potencial da ação, sendo classificada como uma colaboração positiva na formação em saúde sexual. O questionário diagnóstico utilizado como ferramenta revelou a falsa sensação de domínio dos alunos sobre o tema. Ainda que muitos estudantes tenham demonstrado familiaridade com os nomes (HIV/Aids, Sífilis), havia lacunas significativas de conhecimento sobre formas de transmissão, prevenção e tratamento.

A abordagem expositivo-dialogada permitiu a apresentação do conteúdo e a abertura para o diálogo, embora tímido, desmistificando mitos comuns e reforçando a importância da prevenção. Este resultado expõe a necessidade de ação na EJA, principalmente quando se observa que o perfil de baixa escolaridade está correlacionado com a notificação de casos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2024). A ES, neste ponto, atuou como uma peça de empoderamento, fornecendo informações confiáveis, o que está em consonância com as Orientações Técnicas Internacionais sobre Educação em Sexualidade, visando desenvolver habilidades para escolhas seguras e informadas (UNESCO et al.).

O principal desafio pedagógico evidenciado ocorreu na segunda aula, dedicada aos métodos contraceptivos. O tempo total de 50 minutos se mostrou insuficiente para o desenvolvimento do assunto de forma eficaz. Enquanto a exposição do conteúdo foi cumprida, a falta de tempo





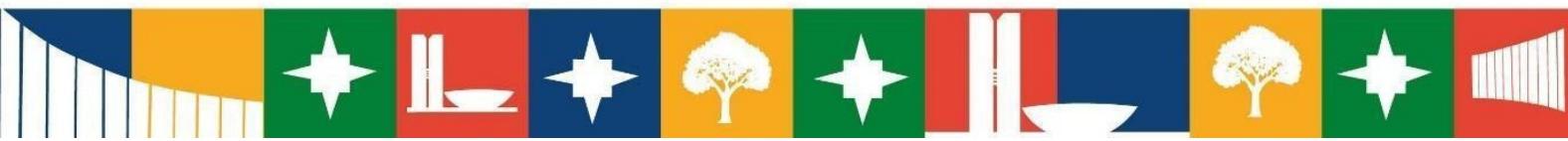
limitou a realização de dinâmicas mais aprofundadas e a discussões abrangentes sobre acesso e uso, como o planejamento familiar e serviços de saúde.

Uma barreira sensível da experiência emergiu das diferenças de participação entre os gêneros na aula sobre contraceptivos, afirmando a persistência de tabus. O diário de campo registrou uma menor participação das alunas, que manifestaram constrangimento ao interagir e fazer perguntas diante dos colegas homens. Essa resistência aponta as expectativas de gênero e socioculturais que silenciam a mulher em questões sexuais e reprodutivas no coletivo, sendo que, o tema da gravidez traz consequências na feminização da pobreza e na perpetuação do ciclo intergeracional (COSTA e FREITAS, 2021; ALVES et al., 2020).

As observações, no geral, evidenciam que, para a EJA, é importante a adoção de ferramentas pedagógicas que construam e garantam um ambiente seguro para o diálogo, como sugere o próprio PCN (BRASIL, 1997). Metodologias que separem grupos por gênero ou que utilizem de caixas de perguntas anônimas, por exemplo, poderiam diminuir o constrangimento e garantir que a informação chegue a todos os educandos. A desmistificação do tema não está apenas em afirmar que a ES não estimula a sexualidade, mas em criar condições metodológicas adequadas para que todos os estudantes, independentemente de seu gênero ou idade, possam exercer seu direito à informação com dignidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente Relato de Experiência buscou desenvolver o objetivo de evidenciar a colaboração das aulas expositivo-dialogadas para a formação em saúde sexual dos estudantes da EJA e ao apresentar os desafios pedagógicos encontrados. A ação pedagógica demonstrou que, mesmo em formato simples e direto, é possível expor e sanar a falsa sensação de domínio sobre temas como as ISTs, preenchendo lacunas de conhecimento que são importantes para prevenção e autocuidado. Essa atividade reforça o papel da escola, e em especial da EJA, como espaço estratégico de saúde pública, conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas diretrizes internacionais de Educação em Sexualidade Abrangente (ESA) (UNESCO et al.).





Por outro lado, a experiência revelou dois pontos críticos que merecem atenção que servem de ponto de partida para estudos à comunidade científica: a insuficiência do tempo pedagógico dedicado ao assunto e a barreira social e cultural de gênero. A limitação da carga horária de 50 minutos comprometeu o potencial da aplicação da aula, especialmente na abordagem dos métodos contraceptivos, tema relevantemente ligado à feminização da pobreza e ao ciclo de vulnerabilidade (COSTA e FREITAS, 2021). A manifestação de constrangimento por parte das alunas diante dos colegas homens, registrada no diário de campo, demonstra a urgência de se ir além da simples exposição de conteúdo.

Assim, a principal contribuição deste relato pode ser considerada a constatação da necessidade de aprimoramento metodológico na EJA. As ações futuras devem priorizar ferramentas que garantam um ambiente de diálogo seguro e inclusivo, como a utilização de caixas de perguntas anônimas ou a experimentação de rodas de conversa separadas por gênero em momentos específicos. Tais adaptações são fundamentais para que os temas da reprodução e sexualidade possam ser tratados com dignidade exigida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997).

Sugere-se, como prospecção, que novas pesquisas no campo da EJA se dediquem à avaliação da eficácia de metodologias ativas e inclusivas que busquem reduzir barreiras de gênero e tabus culturais. O desenvolvimento de um plano de ES específico para este público, que considere a diversidade etária e de vivências, é essencial para converter informação em habilidade para a vida e, consequentemente, em saúde sexual e reprodutiva efetiva.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, T. L. et al. Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 6, 2020.  
DOI: 10.1590/1414-462X201800020461. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/kn8yrCMhL3XhfGk3HvCxLgg/abstract/?lang=pt>. Acesso em:  
08 out. 2025.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual.** Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000225391>. Acesso em: 08 de out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Boletim Epidemiológico: Sífilis 2024.** Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social (SECOM). **Educação sexual não estimula atividade sexual.** Brasília Governo Federal, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contra-fake/noticias/2023/08/educacao-sexual-nao-estimula-atividade-sexual>. Acesso em: 08 out. 2025.

CASOS de sífilis e de HIV/aids aumentam entre homens jovens. **Agência Brasil**, Brasília, 23 nov. 2023. Saúde. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-11/casos-de-sifilis-e-de-hivaids-aumentam-entre-homens-jovens>. Acesso em: 08 out. 2025.

COSTA, Marli Marlene Moraes da; FREITAS, Maria Victória Pasquito de. A gravidez na adolescência e a feminização da pobreza a partir de recortes de classe, gênero e raça. **Revista de Direitos Culturais**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 40, p. 25-46, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.20912/rdc.v16i40.244>.

FARIA, Gustavo Hugo de Souza; ROSA, Claudia Regina de Andrade Arrais; MORAES, João Antonio Silva da; SILVA, Gabriel Borba Rodrigues da; SILVA, Pedro Mário Lemos da; VIANA, Antonia Iracilda e Silva. Entre descobertas e desafios: o conhecimento sexual de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 36, e1216, p. 1-15, 2025. DOI: 10.35919/rbsh.v36.1216. Acesso em: 12 set. 2025.

FURLANETTO, Milene Fontana; VIEIRA, Mariana L. F.; LEITE, Carla R. P. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 550-571, abr./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053144863>.



GRAVIDEZ não planejada atinge 62% das mulheres no Brasil: entenda por que. **Bayer**, 28 fev. 2024. Blog. Disponível em: <https://www.bayer.com.br/pt/blog/gravidez-nao-planejada- atinge-62-mulheres-brasil>. Acesso em: 08 out. 2025.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. São Paulo: Autêntica, 2014. Acesso em: 5 set. 2025.

NAVEGANDO contra a maré. Alta taxa de gravidez na adolescência no Brasil: o desafio de quebrar o ciclo de pobreza intergeracional. **Nexo Jornal**, 26 set. 2023. Opinião. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2023/09/26/alta-taxa-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil-o-desafio-de-quebrar-o-ciclo-de-pobreza-intergeracional>. Acesso em: 08 out. 2025.

SANTOS, Domingos José dos. O perfil do estudante da EJA no Brasil: uma revisão bibliográfica sobre desafios, necessidades e perspectivas. In: **CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO (CONPEPE), 2., 2025. Local do evento. Anais do II Congresso Nacional de Pesquisas e Práticas em Educação v. 3, n. 2, 2025. ISSN 2966-3792 Portal de Periódicos do Centro de Estudos Interdisciplinares: CEEINTER.** Disponível em: . Acesso em: 08 out. 2025.

SANT'ANA, Karoline Vieira; CORDEIRO, Ana Luisa Alves. A importância da educação sexual como instrumento de orientação para a identificação e prevenção do abuso sexual infantil. In: **SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO (SEMIEDU), 2021, Cuiabá. Anais do Seminário de Educação (SemiEdu).** Cuiabá: UFMT, 2021. Disponível em: . Acesso em: 8 out. 2025.

UNESCO et al. **Orientações técnicas internacionais sobre educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências.** 2. ed. revisada. Paris: UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>. Acesso em: 08 de out. 2025.